



CONHECENDO O INIMIGO INTERNO -

Afeganistão... Baluchistão...

A. De Lannes

"... Nossa moralidade é corrente da luta de classes do proletariado. A moralidade Comunista é a moralidade que serve a esta luta. . ."

Lênin - 1920

"Até que o resultado final - entre o capitalismo e o comunismo - seja decidido, o estado de guerra parcial continuará. Dizemos: a la guerre, comme à la guerre. . ."

Lênin - 1921

"... E, se é necessário que alguém seja ensangüentado, envidaremos todos os nossos esforços para que a vítima seja qualquer país burguês e, não a URSS. . ."

Stalin - 1927

"... Muito longe de mim, deitar moral sobre a política de não intervenção, falar de traições, perfídias, etc. Política é Política, como dizem os diplomatas burgueses. . ."

Stalin - 1937

A INVASÃO SOVIÉTICA

E, a União Soviética, pelas botas do Exército Vermelho, invadiu o Afeganistão. Ou, repetindo o eufemismo de Breshnev: "atendeu ao apelo da Nação amiga que estava ameaçada pelas potências imperialistas ocidentais, dirigidas pela camarilha da CIA"

Já tivemos oportunidade de assistir a este filme em outras ocasiões, com outros atores e as mesmas conseqüências. Por sinal, o primeiro capítulo poderia ter acontecido há sessenta anos quando, "a pedido", a URSS avançou para dentro da Mongólia Exterior. Na oportunidade, em todo caso, havia um exército invasor de russos brancos - sempre os russos - na Mongólia Exterior.

Agora, nem isto. A "Invasão Estrangeira" denunciada pelo governo soviético seria de agentes secretos e, por isso, não poderia ser vista. . .

Desde o final da Segunda Guerra Mundial que o Exército Vermelho não era empregado com tanto desembaraço e de maneira tão ostensiva, para alargar as bases físicas do império comunista soviético. Nas últimas décadas, o Exército Vermelho limitou-se a agir operacionalmente nos países do Pacto de Varsóvia.

A decisão da URSS de mandar forças militares para fora de sua zona de domínio direto da Europa Oriental, demonstra uma intenção de agüentar possíveis conseqüências e justifica as especulações de que as ambições imperiais czaristas continuam presentes no regime dos "soviets amantes da paz", como se não tivesse havido uma mudança de regime.

Uma reação militar do ocidente, provavelmente por parte dos Estados Unidos, diretamente, ou através do fortalecimento dos rebeldes afegãos, ou mesmo do exército paquistanês poderia desencadear reações imprevisíveis na área, envolvendo a Índia, o Irã e, levando o bolo, todo o Oriente Médio. As dificuldades que esta situação apresenta acabariam por beneficiar a União Soviética que, depois de guarnecer o Afeganistão com dezenas de milhares de soldados, não sairia dali por bons modos e aproveitar-se-ia do fato consumado.

Afinal, se os Aliados Ocidentais não tiveram meios de impedir a anexação da Europa Oriental, não parece provável que tomariam as dores dos pobres coitados afegãos, como também não se sensibilizaram com os africanos, submetidos ao expansionismo soviético através do exército cubano, fazendo às vezes de capitão-do-mato.

Apesar de ser um país mediterrâneo, o Afeganistão está no caminho para o Mar Arábico, via de acesso escolhida no momento como a mais adequada para o expansionismo vermelho. Faz fronteira com a URSS ao Norte e, ao Sul, onde se confronta com o Paquistão, vivem as tribos baluchis.

Durante o governo de Taraki, funcionários estatais defenderam, orquestradamente, a tese dos "direitos históricos" do Afeganistão sobre as províncias paquistanesas onde predominam os baluchis: o Pachtunistão e o Peluchistão.

AS ÁGUAS QUENTES E LIVRES

Desde os tempos de Pedro O Grande (1672-1712), a URSS, então Rússia, tem um importante objetivo estratégico naquela área: a conquista de um porto de "águas quentes e livres" no Mar Arábico, com o conseqüente controle sobre a entrada do Golfo Pérsico e o acesso do Oceano Índico.

Este objetivo tornou-se mais importante, ainda, depois que o Petróleo do Oriente Médio transformou-se no combustível do mundo industrial. O Czar Pedro havia sentenciado sobre a necessidade da Rússia chegar ao Golfo Pérsico pelo domínio da Pérsia e da Síria, alegando que, isto feito, "o ouro da Inglaterra" seria desnecessário para se dominar o mundo, tão grandes seriam as vantagens geopolíticas daí resultantes, ao abrir o caminho marítimo tanto em direção ao Oriente como ao Ocidente. Catarina II e, depois, Stalin, pretenderam ir até ao Golfo Pérsico através da Ásia Menor. O desdobramento da política mundial através dos tempos ocidenta-

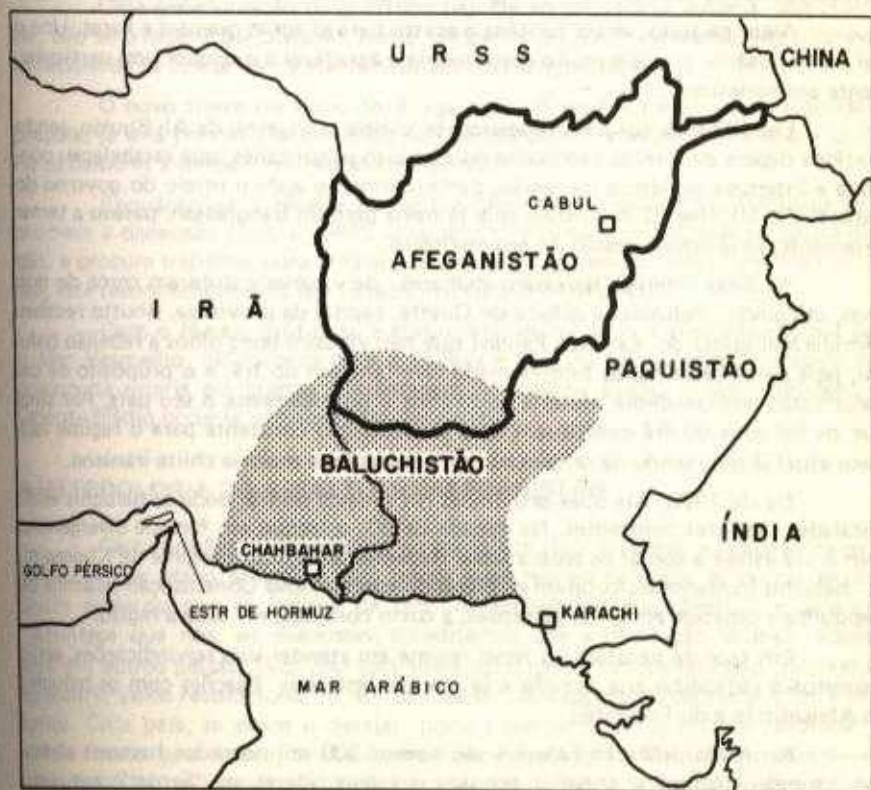
lizou os Balcãs, e Israel bloqueou a via pela Babilônia. Deste modo, o Afeganistão, atrasado e fraco, passou a ser o alvo mais viável, há muito tempo trabalhado e preparado.

Ao aspecto geográfico, junta-se ali, o caso Baluchi encaixando-se perfeitamente nas necessidades soviéticas.

O ressurgimento do Baluchistão como país "independente", mas tutelado por Moscou, voltou às considerações dos principais analistas políticos do mundo, embora nunca tenha saído das cogitações soviéticas.

O pouco noticiado Movimento Separatista das províncias paquistanesas que outrora formaram parte do Baluchistão, ainda que reprimido violentamente, nunca deixou de existir. Comenta-se agora que a frente Popular de Libertação do Baluchistão (FPLB) está recebendo apoio do governo do Afeganistão desde o golpe de 1978, exatamente quando a URSS iniciou a atual fase de satelização desse país, ao conduzir o "putsch" que levou ao poder Nur Mohammed Taraki.

Este, já tendo cumprido a sua tarefa e já tendo sido "espremido como limão", na usual expressão de Stalin, foi jogado fora em proveito de Karmal.



O BALUCHISTÃO

Os baluchis somam cerca de 3 milhões, ou pouco mais, de habitantes, concentrados numa área pouco menor que o Estado do Paraná.

Viveram independentes por cerca de 100 anos nos séculos XVIII e XIX até que, em 1877, foram dominados pelos ingleses.

Quando os britânicos dali saíram, traçaram arbitrariamente os mapas da região criando países, dividindo etapas, contrariando as razões naturais e os fatos históricos. Como resultado, os Baluchis ficaram divididos entre o Paquistão, o Irã e o Afeganistão. A maior parte ficou no Paquistão. A área baluchi do Paquistão é considerada a mais carente do país, mas tem o subsolo mais rico. Seu litoral é famoso pelo potencial de pesca. Suas riquezas naturais estão depositadas e inexploradas. É, portanto, bem atrativa sob o lado econômico, além de, geopoliticamente, bem situada.

Estão provadas as reservas de gás natural e, entre outros minerais, encontram-se carvão, manganês, cobre, bauxita, ouro e ferro. Quase metade da energia elétrica utilizada pelo Paquistão é originária do gás natural da região de Sui.

Além de tudo, ainda contém o acesso para as águas quentes e livres. Une o útil ao necessário, o que é muito conveniente e agradável a qualquer um, particularmente aos soviéticos.

Em 1973, os baluchis rebelaram-se contra o governo de Ali Bhutto, sendo contidos depois de intensa campanha do Exército paquistanês, que estabeleceu contínua e intensiva vigilância na região, particularmente após o início do governo do General Zia UL-Haq. O Paquistão, que já havia perdido Bangladesh, passou a temer seriamente, uma nova secessão no seu território.

As lutas internas deixaram milhares de vítimas e duraram cerca de dois anos, atingindo, inclusive, a cidade de Quetla, capital da província. Bhutto recebeu considerável apoio do Xá Reza Pahlavi que não via com bons olhos a rebelião baluchi, pois parte dessa nação semi-nômade vive também no Irã, e o propósito de um Baluchistão independente afetaria geográfica e politicamente o seu país. Por sinal que os baluchis do Irã constituem uma preocupação constante para o regime islâmico atual já que, sendo de origem sunita, contestam a maioria chiita iraniana.

Desde 1928, nas duas províncias do sudeste do Irã, onde os baluchis estão instalados, há lutas constantes. Na década de 60, o Iraque em face de divergências com o Irã esteve a apoiar os separatistas. Recentemente, sob o regime de Khomeini, os baluchis iranianos boicotaram o referendo sobre a nova Constituição Islâmica da República e provocaram sérias agitações, a custo contidas, em toda a região.

Em face da negativa do novo regime em atender suas reivindicações, estão dispostos a radicalizar sua posição e já mantém estreitas ligações com os baluchis do Afeganistão e do Paquistão.

No Afeganistão, os baluchis são apenas 300 mil nômades, bastante atrasados, vivendo em regime tribal, submissos aos seus líderes, os "Sardar", aos quais

obedecem cegamente. Acredita-se que, se os soviéticos conseguirem alguma influência sobre esses líderes — e nós sabemos que os soviéticos tratarão de conseguí-la se julgarem isto necessário — poderão manobrar os baluchis do Afeganistão.

Não se tem dúvida que a URSS possua planos e esperanças antigas de criar um Baluchistão soviético — preferencialmente, a tentativa de anexação da área ao Afeganistão — agora mais viável, caso se complete o domínio desse país. Acresce, ainda, o fato de que a posição isolacionista do novo regime do Irã, colocando-se numa situação de hostilidade à URSS e aos Estados Unidos ao mesmo tempo, acaba por favorecer aos soviéticos.

Uma bandeira vermelha, no porto de Chabahar, pode ser um grave fator de complicação política na área do Estreito de Hormuz, saída imperiosa do Golfo Pérsico, o Golfo do Petróleo.

Recentemente têm sido veiculadas notícias de que a URSS estaria treinando guerrilheiros na Região Sudeste do Afeganistão, objetivando preparar uma força guerrilheira capaz de desencadear uma ofensiva na primavera, ao mesmo tempo em que os soviéticos tratariam de garantir a ocupação total do país.

Uma generalização da guerrilha baluchi ao sul da área poderia comprometer, não só o regime paquistanês, como também o do Irã, favorecendo aos interesses soviéticos de se firmar na tarefa de ocupação do Afeganistão.

O novo líder soviético do Afeganistão, Brabak Karmal — que segundo se propala, já está prestes a ser substituído — declarou em janeiro deste ano que ajudaria os baluchis a fundar um Estado autônomo.

Enquanto as potências ocidentais lamentam a atitude soviética que compromete a distensão (sic), a URSS atua com o mesmo objetivo, mas em outra direção, e procura trabalhar para uma aproximação do Iêmen do Norte com o Iêmen do Sul, este reconhecidamente um Estado marxista pró-soviético.

Com o Iêmen, unificado e comunista, dominando a apertada entrada para o Mar Vermelho, de parceria com a Etiópia e seus 20 mil cubanos, o mundo não comunista estaria em grande desvantagem estratégica. Então, o negro petróleo do Oriente Médio poderia começar a mudar de cor.

AMETODOLOGIA DO ASSALTO AO AFGANISTÃO

Certa ocasião, respondendo ao jornalista Roy Howard, a respeito da existência de um plano soviético para impor suas teorias políticas às outras nações, Stalin declarou que se tratava de um "mal-entendido tragicômico" e garantiu: "Acontece que nós, os marxistas, acreditamos que a revolução também acontecerá em outros países. Mas, isso será somente quando for considerado possível ou necessário pelos revolucionários em tais países. A exportação de revoluções é uma tolice. Cada país, se assim o desejar, poderá promover a sua própria revolução e, se não houver esse desejo, também não haverá revoluções. Mas, afirmar que desejamos concorrer para essas revoluções em outros países, interferindo assim em suas

vidas, é o mesmo que falar de alguma coisa que não existe e que nós jamais desejamos.”(1)

Essas declarações foram prestadas na década de 40, exatamente, a época de maior expansão soviética na Europa Oriental, através da utilização intensa, em cada país, da política do apaziguamento e do anestesiamiento das Frentes Populares, e do uso extensivo do Exército Vermelho, sempre pronto, quando e necessário.

A esse conjunto de sandices dito por Stalin, os comunistas chamam de dialética, arte de mistificar, dentro da sistemática de quase sempre dizer, não o que se pensa, mas o que melhor convém ao planejamento e à execução das ações do Movimento Comunista Internacional.

O comunismo se expande continuamente pela necessidade intrínseca dos regimes totalitários e age com oportunidade, sempre que percebe a fragilidade dos seus opositores e a possibilidade de êxito. No caso do Afeganistão, atacou na hora certa, aproveitando o momento internacional que lhe era favorável. A manobra em direção ao Índico é coisa sabida, como já vimos, desde o século XVIII e, a situação política naquela área, só tem progredido no sentido de beneficiar os soviéticos.

A Índia e o Paquistão tem sérios problemas de relacionamento, o Iraque e o Irã, a Síria e Israel estão em conflito permanente. Os interesses naquela imensa área são muito localizados e demasiadamente conflitantes. Isto impede qualquer ação em conjunto em defesa de um vizinho que, via de regra, é inimigo também.

No instante em que a situação no Irã culminou com a deposição do Xá Reza Pahlavi — que poderia complicar a ação soviética no Afeganistão — e, no momento em que Khomeine inviabiliza qualquer cooperação por parte dos Estados Unidos, face à natureza radical do regime islâmico, agravado pelo seqüestro de Teerã e, ainda mais, no momento em que Indira Ghandi — que sempre manifestou certa simpatia pela URSS e declarou ressentimentos pelos ocidentais colonizadores desde as lutas pela independência de seu país — conseguiu espetacular triunfo eleitoral e se constitui em fator de inibição para um fortalecimento bélico do Paquistão por parte do ocidente e, por final, no momento em que o próprio governo dos Estados Unidos se encontra bastante atarefado, não só com a situação econômica de seu país mas, também, pela campanha eleitoral que se arrisca a perder, a União Soviética sentiu o momento e o aproveitou com grande precisão.

É bem verdade que há quatro ou cinco anos, os soviéticos vinham preparando esta invasão através do regime anterior de Taraki, o que elimina qualquer alegação de surpresa quanto ao desenvolvimento da ação invasora.

Analisando-se as características da Ação Revolucionária em andamento no Afeganistão, verifica-se uma notável repetição de métodos e processos já empregados anteriormente em várias ocasiões, tais como:

- a utilização do Exército Vermelho como fator de força persuasiva e de decisão militar no sentido de subjugar uma nação livre e indefesa, como já ocorrera anteriormente no Extremo Oriente e na Europa Oriental:

(1) Citado por Thomas T. Hammond em ANATOMIA DA SUBVERSÃO (Ed. ARTENOVA).

- a existência de um pormenorizado planeamento de toda a ação revolucionária a ser desencadeada que, no caso presente, sempre existiu e considerou o Afeganistão como uma das hipóteses prováveis para se aproximar do Índico, através da utilização do Exército Vermelho numa operação tipo blitzkrieg nazista. A presença antecipada de elementos soviéticos dentro do país — conselheiros, técnicos, militares e agentes políticos — há mais de cinco anos, demonstra o cuidado com que a operação foi preparada;
- o emprego extensivo da violência que se caracteriza pela eliminação sumária de todos os que se opõem à ação comunista. No Afeganistão, civis e rebeldes (como são chamados pejorativamente os afegãos que se pretendem manter livres dos comunistas) têm sido eliminados sumariamente, aldeias são bombardeadas e, o país, varrido pelas operações militares de um exército bem equipado contra remanescentes de um outro primitivo, apesar das dificuldades impostas pelo inverno rigoroso que já terminou;
- a utilização da camuflagem e da mentira, interna e externamente, não revelando ao povo afegão o que lhe espera. Os soviéticos aprenderam com sua própria revolução que a declaração clara e precisa dos objetivos comunistas traz uma reação inconveniente ao governo de consolidação da ditadura marxista-leninista. A guerra civil, ocorrida na URSS, foi evitada a partir da aplicação na Mongólia, da camuflagem e do gradualismo. Isto é, do faseamento na tarefa de comunização que naquele país, pelo seu atraso industrial, levou mais de quatorze anos. Assim também ocorreu na Europa Oriental, onde as "Democracias Populares" encobriram a preparação do dispositivo de formação das "Ditaduras do Proletariado".
- os soviéticos utilizam no Afeganistão uma propaganda intensa, no sentido de favorecer as operações em curso. Para todos os efeitos, o Exército Vermelho entrou no país para impedir um ataque iminente das potências imperialistas ocidentais e expulsar os "agentes da CIA". Promete sair, tão logo o perigo desapareça. Como dentro da dialética marxista-leninista, o perigo de uma recidiva capitalista jamais deve ser esquecido, já se vê, quando o Afeganistão ficará livre do Exército Vermelho.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIABILIDADE DO SUCESSO SOVIÉTICO NO AFGANISTÃO

Estabelecendo-se um paralelo entre a operação em curso e as ações anteriores dos soviéticos na Europa e na Ásia desde o golpe de outubro de 1917, podemos alinhar algumas considerações no sentido de estimar as possibilidades de sucesso ou fracasso de mais este assalto comunista:

- a capacidade da Força Militar empregada na operação é um dos fatores de maior importância na avaliação das possibilidades de um possível

sucesso soviético no Afeganistão. A história tem mostrado e provado de maneira conclusiva que o Exército Vermelho tem sido a base do sucesso em quase todos os avanços comunistas. Desse modo, podemos avaliar que, considerando-se apenas os remanescentes do frágil exército afegão, transformados em bandos de guerrilheiros sem comando único, como força de oposição aos invasores, o sucesso soviético poderá ser assegurado, ainda que tenha que enfrentar problemas por algum tempo com esses grupos rebeldes. A participação de outras forças enfrentando o Exército Vermelho, por ser remota, dadas as condições atuais, torna mais fácil a tarefa soviética;

- a posição geográfica contígua entre a URSS e o Afeganistão, repete uma situação já ocorrida, anteriormente, quando os países envolvidos tinham fronteiras com os Estados já comunizados, favorecendo bastante as operações militares, como na Mongólia e na Europa Oriental;
- o pequeno grau de desenvolvimento do país agredido contribui para os objetivos dos invasores como é o caso do Afeganistão que é o mais atrasado dos países daquela região, sem a menor possibilidade de oferecer, como não o faz, uma resistência organizada à invasão. Por outro lado, o governo títere ali plantado, teria acertado os termos dessa mesma invasão. Mais uma vez, Marx é desmentido quanto à viabilidade da “transformação das sociedades” nos países subdesenvolvidos. As leis da “revolução marxista”, segundo as quais os países deveriam atingir a “exaustão capitalista” para passarem ao estágio da Revolução Comunista, não são levadas em conta quando o Exército Vermelho entra em cena e, “acelera” o processo, estabelecendo uma tutela com o objetivo de “queimar etapas”, no mais claro estilo nazista, fascista ou czarista;
- finalmente, os fatos até aqui alinhados permitem avaliar com considerável margem de acertos quanto à possibilidade dos soviéticos manterem por longo tempo o poder no Afeganistão. Lênin sempre afirmou que a tomada do poder não era a questão crítica e sim a sua manutenção. O caráter totalitário e desumano do regime soviético de ocupação, tradicionalmente conhecido nesses últimos sessenta anos, deixa antever um período de dura provação para o povo afegão. Com exceção da Hungria, em 1919, não houve nenhum regime comunista que, tendo conseguido o controle do país por inteiro, fosse desalojado do poder. A exceção citada, confirma a regra. Os fatores presentes na Hungria naquela oportunidade não se apresentam no Afeganistão. Outra era a situação política da Europa. A URSS não avançou seu Exército para dominar mais um país qualquer. Ela tem seus olhos voltados para o horizonte. Observa atentamente o Oceano Índico e, somente, em última instância deixará de cumprir agora a meta há duzentos anos acalentada. Se o Afeganistão por uma questão de destino geográfico colocou-se entre a URSS e o Índico, e foi considerado “o elo mais fraco da cadeia”, poderá pagar caro por isso.



A PROBLEMÁTICA DOS TRANSPORTES NO BRASIL

Gerson da Silva Monteiro

Capitão-de-Fragata (FN), possui o Curso Avançado de Operações Anfíbias e Curso de Comando e Estado-Maior (EGN). Atual Encarregado do Serviço de Logística do Estado-Maior do Comando de Reforço da FFE.

Antes de analisarmos como evoluíram os diversos setores de transporte no Brasil, é necessário que se faça um pequeno histórico dos meios de transporte em nosso país e se lembre de seus principais papéis no mundo.

No início da colonização, núcleos populacionais bastante dispersos se espalharam pelo litoral, restando-lhes o oceano como meio de ligação entre si e a metrópole. Em seguida, os portugueses se dirigiram para o interior, seguindo os cursos dos rios. Assim, são as embarcações marítimas e fluviais os primeiros meios de transporte do país.

Mais tarde, com o advento da cultura da cana de açúcar, surge o emprego dos carros de bois e "tropas de muares", estas últimas largamente utilizadas para o transporte a grandes distâncias.

No Século XIX, são construídas as primeiras estradas carroçáveis para viaturas com tração animal, merecendo destaque a União e Indústria (Juiz de Fora — Petrópolis), a Graciosa (Paranaguá — Curitiba) e a Serra da Estrela (Rio — Raiz da Serra de Petrópolis).

Em 1854, no Segundo Império, com o surto cafeeiro fluminense, é implantada a primeira ferrovia pelo Barão de Mauá, ligando a Baía do Rio de Janeiro à Raiz da Serra de Petrópolis. Quatro anos mais tarde, surge a estrada de ferro D. Pedro II, tendo o país 513 km de trilhos em 1866.

O sistema rodoviário aparece em São Paulo, no governo de Washington Luiz (1923 — 1926), com a construção da rodovia Rio-São Paulo e de algumas